

H. S. 12661 SEP. 28. 1918

Série de Notas sobre a Guerra

N.º 159

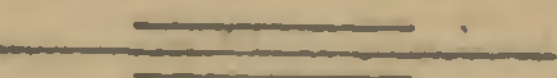
Col. 31

39

# NA SUECIA

PUBLICADA PELO

Bureau da Imprensa Britanica em Lisboa



LISBOA

TYPOGRAPHIA DO ANNUARIO COMMERCIAL

Praça dos Restauradores, 24

1918



# Na Suecia

---

*Stockholmo* — Maio de 1918.

Recebe-se neste paiz com aplauso geral a decisão tomada pela Gran Bretanha de reconhecer sob certas condições o novo governo finlandez, assim como tambem o compromisso da Finlandia de pôr imediatamente em liberdade todos os subditos britannicos capturados na Finlandia pelos alemães. Ha quem censure o procedimento das autoridades finlandezas concedendo sem restrições a travessia das suas aguas á navegação britannica. Os finlandezes começam evidentemente a reconhecer a necessidade de cultivar e de merecer a benevolencia da maior das potencias maritimas. Não desejarão decerto ver transformar-se o Baltico num «lago alemão».

Com respeito á sempre importante questão de subsistencias, o primeiro ministro, respondendo á pergunta feita no Riksdag por um deputado do partido Jovens Socialistas, disse que o governo não tinha tenção no momento actual de reduzir a ração do pão; porém que se estava

tornando séria a questão da carne. Acrescentou que não convinha dizer mais nada emquanto não se concluísse com as Potencias da Entente o Acordo Geral.

Internaram-se em Harstrand, no Kategate, dois aviadores alemães que tinham tomado parte numa expedição mal sucedida contra a costa de Inglaterra. Foram encontrados num estado deploravel por uns pescadores suecos a quem disseram pertencerem á segunda esquadilha de Wilhelmshaven e que tinham perdido o seu hidroplano.

Herr Branting fez ultimamente um discurso em que aplaude a attitude das Potencias da Entente para com os paizes scandinavos e advoga com entusiasmo que se celebre quanto antes um acordo com elas, o que lhe tem valido comentarios encontrados. Thorrsen, Ministro das Finanças, diz bem que a posição feita ao tratado com a Entente inspirava-se na ancia do lucro, ou talvez mesmo em motivos ainda menos honestos, e punha de parte por completo os embaraços financeiros da Suecia. O *Dagbladet* censura tanto Branting como Lord Northcliffe por apresentarem sob cores demasiadamente favoraveis as pretensões e as vistas das Potencias Associadas; porém o *Dagens Nyheter* dá uma resposta indiscutivel. Começa por conceder que a propaganda «boche» tem tido mais exito na Suecia do que na Noruega e passa então a dizer que «não obstante isso a maioria dos suecos não está convencida, o que se explica pelo facto que as noticias fornecidas eram de

natureza a causar admiração aos próprios alemães. Por exemplo, na Alemanha ninguém jamais negou a serio a correção da atitude da Belgica antes da guerra. E' pouco provavel que a propaganda alemã chegue a converter a maioria do nosso povo.» A exclusão feita pela Agencia Reuter, a Agencia Havas e a Associated Press do «Swenska Telegram Bureau» é agora reconhecida pelos verdadeiros amigos da Suecia como tendo sido ditada por motivos justos e prudentes. Não só era o director daquele Bureau um germanofilo confessado, como permitia por uso e costume que Herr Wolff editasse os telegramas da Agencia Reuter e doutras antes de serem publicados.

O professor Kjellen faz a surpreendente declaração que a Alemanha não foi a potencia agressora! Respondeu-lhe Branting prontamente; assevera este que é só o Socialismo que pode oferecer as bases duma paz duradoura.

Da Finlandia vem a noticia que a Gran Bretanha, a França e os Estados Unidos participaram ao governo daquele paiz que não tolerariam nenhuma interferencia com os negocios do caminho de ferro Marman, que a considerariam como uma infracção da neutralidade. Tambem se diz que até se eger um principe (?) ao trôno da Finlandia, o presidente do Landtag fica sendo administrador com poderes quasi dictatoriais.

O conselheiro inglez Wright, que foi enviado á Scandinavia no ano passado pela Liga dos Maritimos Mercantes para combinar a exclusão

das mercadorias alemãs depois da guerra, lamenta que, segundo a sua propria observação, a Suecia tem-se prestado ultimamente muito mais que a Noruega á transmissão de noticias alemãs; ha muito que as auctoridades norueguesas puzeram ponto a esse trafico. Seja como fôr, nota-se com interesse que é geralmente conhecida aqui a desesperada condição interna das Potencias Centrais. Existe a convicção que estão perdidas se não obtiverem mais que successos de pouca monta durante estas semanas proximas. Nota-se como facto significativo a reduccão na ração de farinha de 200 a 160 grs. diarios sem nenhum aumento na ração de carne como houve no ano passado, especialmente como, em questão de subsistencias, pouco ou nada se pode esperar da Romenia e da Ukrania.

---

Stockholmo — Junho de 1918.

Seria difficil exagerar o enfado das Potencias Centrais pela conclusão do tratado economico entre a Suecia dum lado e a Gran Bretanha, França, Italia e America do outro. Numa reunião em 30 de maio da Camara Commercial Sueca em Londres, o conde Wrangel participou a boa nova. Discursaram tambem admiravelmente o Sr. Bendixson, Presidente da Camara, e o dr. Axel Welin, Presidente do Hospital de Guerra Sueco. Bendixson teceu merecidos louvores aos nossos marinheiros corajosos e dedicados e disse

que a idéa geral que os paizes neutrais nada faziam na luta actual pela verdade e pela justiça e que tratavam só dos seus proprios interesses, era uma idéa erronea que se devia dissipar. Welin fez notar que a quarta parte da raça sueca está hoje tomando parte na guerra com toda a força da sua energia, da sua habilidade e da sua riqueza. Suecos-americanos aos milhares, e segundo ele afirma existem nada menos de dois milhões de suecos residentes nos Estados Unidos — já se tinham oferecido e ofereciam-se constantemente para servir no exercito e na marinha da America e muitos deles já tinham pago o tributo de sangue no campo da batalha. Não deve causar estranheza que o conde Reventlow considere o accordo anglo-sueco como um acto hostile da parte da Suecia para com a Alemanha.

Reventlow e os seus satélites procuram tirar partido do caso da perda de dois dos nossos barcos de pesca no Kategate; bateram em minas fluctuantes que se dizem ser de origem britanica. O *Social Demokraten* reflecte com bastante moderação que «é absurdo procurarem convencer-nos que o capitão dum comboio britanico não conhecesse o local das minas britanicas; porém que essas tentativas de explorar o incidente a bem da Alemanha devem fazer ver ás autoridades britanicas a necessidade de oferecer explicações». Consta que a Alemanha está concedendo passes a navios suecos sob a condição que se não façam comboiar e que não entrem na zona de guerra. Infelizmente o Tribunal de

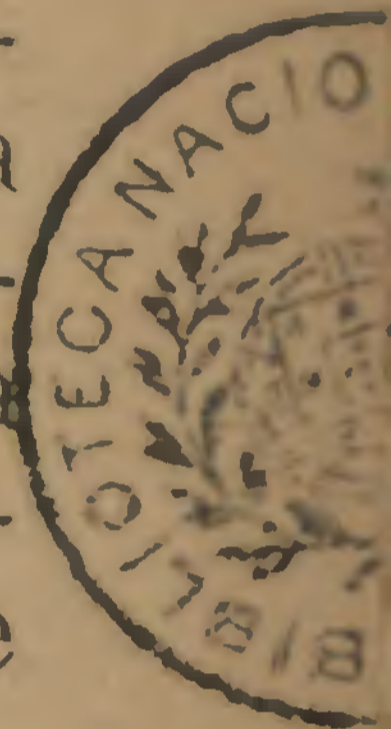
Presas britânico viu-se obrigado a condenar o carregamento importante de café a bordo do navio sueco *Pacific*. Este resultado era inevitável, pois ficou provado que os documentos de bordo não estavam em dia e que o café em questão era destinado á Alemanha e não a países neutrais. Este processo tem levado perto de dois anos, pois o *Pacific* fôra detido por um navio de guerra britânico em 1916.

Houve um grande debate no Riksdag sobre a politica externa da Suecia que acabou pelo triunfo do Governo. Na Camara Alta, M. Wallenberg, e na Camara Baixa o segundo almirante Lindman — ambos ex-Ministros dos Negocios Estrangeiros — defenderam calorosamente a sua politica no assunto do incidente Luxburg e accusaram as autoridades alemãs de terem praticado deliberadamente um acto de má fé. Num discurso cheio de dignidade, o primeiro ministro afirmou que os desejos da opposição de fornecer armas e munições á Finlandia teria conduzido inevitavelmente a uma intervenção directa na luta actual. «O Governo não podia permitir a compra de armas e munições na Suecia; porém teria consentido no transito de armas vindas da Dinamarca, no caso de virem providas duma licença de exportação passada pela Dinamarca, mas que não podia permitir o transito de armas fornecidas por países beligerantes. Era inteiramente falsa a declaração que esta recusa da parte da Suecia tivesse obrigado a Finlandia a dirigir-se á Alemanha, pois o pedido foi feito para Berlim ao mesmo tempo que para Sto-



ckholmo. A existencia dum accordo secreto entre a Finlandia e a Alemanha — accordo concluido sem ter sido consultado o Landtag — obrigou a legação franceza de Stockholmo a publicar o seguinte comunicado: «Com respeito á declaração feita ultimamente por certos membros do Senado finlandez, e em vista do facto que os principios monarchicos não parecem ter a necessaria maioria, estão autorisados os ministros da França a declarar ao Chargé d'Affaires da Finlandia que a Republica Franceza não reconhecerá nenhuma forma de governo na Finlandia que se estabeleça ilegalmente.» Pelo accordo secreto acima mencionado, o Senado comprometeu-se — isto contra a vontade do Landtag — a estabelecer a monarchia sob uma dinastia alemã, a conceder á Alemanha uma base naval e o comando das forças militares da Finlandia, um porto no Mar Branco e a proibir a entrega das Ilhas Aaland á Suecia. Vem a proposito notar que o cruzador *Karjala*, o primeiro navio de guerra da Finlandia — construido em Abo para a Russia, porém expropriado pelas autoridades finlandezas — chegou a Helsingfors; estão tres outros navios de guerra em construção.

Entrevistado, declarou um official alemão de destaque em Berlim, que vê com desapontamento os progressos da ofensiva no Ocidente; porém que está convencido que se ha de romper a linha de defeza e que a costa sul de Inglaterra se ha de bombardear. Concede que a Alemanha perdesse tres milhões de homens e prediz um armisticio para este verão. Acrescentou, porém,



com pessimismo, que uma vez concluído um armistício, não ha forças que levem as tropas alemãs outra vez para as trincheiras. E com toda a modestia assevera que o Kaiser só exige que as Potencias da Entente lhe restituam as colonias perdidas e lhe dêem a suzerania de Madagascar. Não vejo maneira de se realisarem tais esperanças, mórmente visto que os subditos coloniais da Gran Bretanha e da França declararam resolutamente que não consentiriam o retrocesso dessas possessões aos seus brutais donos alemães.

Vai embarcar brevemente para New York uma delegação aos Estados Unidos afim de discutir a questão das importações da Suecia vindas da America. Com o espirito perturbado pelo acordo da Suecia com as Potencias Ocidentaes, a Alemanha faz as mais extravagantes conjecturas com respeito ao novo tratado. O que lhe excita ainda maior colera é o facto da Suecia ter aceitado o convenio para um periodo que se prolonga depois da guerra. Isto é, o tratado válido nominalmente por seis mezes, renova-se automaticamente depois desse periodo, de sorte que a Entente terá o direito de se utilizar indefinidamente da tonelagem de 400:000 toneladas da nossa marinha mercante. Tambem se faz notar o facto que a exportação de cereais da Argentina e da Australia para a Suecia só começará quando as potencias estiverem de posse da tonelagem deste paiz. E' interessante notar que a proposito deste acordo a Alemanha parece não reconhecer senão uma potencia, a Gran Breta-

nha, naturalmente porque os seus vastos recursos marítimos lhe dão especial importância sob esse ponto de vista. Em todo o caso parece certo que se resolveu a dificuldade da tonelagem por um modo altamente aceitável á Suecia—dahi estes temores e receios da Alemanha.

